

O HOMEM DOS FIGOS

Ilan Brenman



© Anuska Allegriz

Resenha

Nas terras do Antigo Egito, um simples e humilde comerciante tinha como sua grande alegria a figueira do jardim, que costumava lhe presentear com deliciosos figos no verão, que aliviavam a fome de quem, muitas vezes, podia se alimentar apenas de pão.

Certo dia, porém, houve um inexplicável e miraculoso acontecimento: a figueira deu dez enormes e suculentos figos em pleno inverno. Espantado com esse prodígio produzido por Amon Rá, o deus Sol, o mercador subitamente teve a ideia de, em vez de devorar os figos imediatamente, consultar um vizinho adivinho para tentar decifrar o sentido desse saboroso milagre. Ao ler seu futuro movendo uma vareta sobre uma caixa de areia, o vizinho lhe disse que sua vida mudaria se, a partir do dia seguinte, levasse todos os dias um daqueles suculentos figos ao faraó. O mercador, apesar da fome, decidiu cumprir as instruções do oráculo, conquistando a simpatia e os favores do faraó, que estava justamente ansiando por comer frutas frescas. Essa harmonia só seria perturbada pela intervenção invejosa do intendente do faraó, que tentou criar intrigas entre os dois. Mas, finalmente, tudo foi esclarecido e o homem dos figos passou a trabalhar para o poderoso soberano.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Ilan Brenman nos presenteia com uma bela fábula egípcia, em que a possibilidade de saborear uma fruta fresca passa a ser um verdadeiro milagre, digno das maiores recompensas. A humildade do protagonista e sua disponibilidade em seguir os desígnios do destino de modo fiel e leal acabam por fazer com que todas as portas se abram, enquanto a inveja do intendente Ansab e seus subterfúgios pouco honestos levam-no, literalmente, perder a cabeça. As delicadas ilustrações de Anuska Allepuz ajudam a transportar-nos ao universo do Antigo Egito, com seus oráculos, seus hieróglifos e sua estrutura hierárquica bastante vertical e inexorável, em que o faraó era encarado como um verdadeiro representante divino na Terra, com direitos sobre a vida e a morte de seus súditos.



Depoimento

De Pedro Felício,
ator, músico e pai

Brenman já nos brindou com uma série de livros infantis. Alguns inesquecíveis por aqui.

Mas este é bem diferente da maioria dos outros livros dele que já tínhamos lido. É uma obra com bastante texto e meu filho mais velho – de oito anos – tem se interessado muito por quantidade de texto.

Não que as ilustrações não sejam atraentes, ao contrário. As texturas e as linhas de Allepuz dão o clima preciso para a fluidez da narrativa, com luz, suspense e leveza necessários. Mas uma das primeiras coisas que “O homem dos figos” causou aqui em casa foi o interesse por palavras diferentes. Começamos por “Amon-Rá”, o que nos levou à mitologia egípcia. E mitologias, fábulas e narrativas fantásticas estão no topo do interesse de meu filho desde muito cedo. Encontramos informações sobre Amon, o deus dos ventos de Tebas, sobre Rá, o deus do Sol do Meio-Dia, sobre a unificação dos dois deuses, sobre a quinta dinastia egípcia, sobre muita coisa.

Tivemos que lidar com a palavra “escriba”, com a palavra “faraó” (que meu filho tinha certeza de

que significava múmia...). Veio, então, a palavra “intendente”. Uau! Que palavra! Evidentemente, meu filho considerou que se tratava de um sujeito que entendia de todas as coisas. (Nota curiosa: ele escreveu uma carta para a irmã mais nova, alguns dias depois, onde grafou: “Lelê, agora eu *intendi* tudo!”).

Buscamos o significado e a etimologia da palavra *intendente* e descobrimos que vem, pelo francês, do latim, trazendo a ideia de alguém que tem domínio das intenções, das vontades. Sejam as vontades do faraó, do povo, do governante, de quem quer que seja o mandatário.

Antes de terminar, gostaria de acrescentar que, após alguns dias da leitura do livro, lembrei-me do filme *Príncipes e Princesas*, de Michel Ocelot. Assiti a esse filme já faz tempo, quando meu filho ainda era muito pequeno, mas minha memória me fez atentar para o fato de que essa história de o homem dos figos (que lá é “O rapaz dos figos”) também é contada no filme, que é uma reunião de diversas fábulas de origens e estilos diferentes em forma de animação. Se bem me recordo, há sutilezas que diferem a versão de Brenman da versão de Ocelot, incluindo o desfecho, mas, grosso modo, são as mesmas histórias vindas da tradição oral árabe.

A história se seguiu. Meu filho, atento, gostou do nome do intendente, Ansab. Mais um elemento para nos levar ao universo da cultura árabe.



O impacto da morte de Ansab foi forte! Cabeça que rola pelo salão. Meu filho espantou-se, ergueu as sobrancelhas. Mas seguiu atento. Chegamos ao fim da história. O guri recostou-se no sofá, franziu o cenho, me olhou sério e lançou: “Mas por que ele queria o emprego de intendente? Se o Ansab só tinha cento e cinquenta ouros. O homem dos figos não ganhou um presente do Amon-Rá?” Fez-se uma pausa. “Você achou que ele fez mal, filho?” Mais uma pausa. “Não, mas achei que o presente do Amon-Rá devia valer mais que dinheiro, pai.”



Um pouco sobre o autor

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu best-seller. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além

de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.



Leia Mais

Do mesmo autor e série

- ✦ *A sabedoria do califa*. São Paulo: Moderna
- ✦ *Cavalo de Troia, a origem*. São Paulo: Moderna
- ✦ *O alvo*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O que a terra está falando?* São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *Dez bons conselhos do meu pai*, de João Ubaldo Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letrinhas.
- ✦ *Joty, o tamanduá*, de Vangri Kaygang. São Paulo: Global.
- ✦ *Contos budistas*, de Sherab Chozdin. São Paulo: Martins Editora.
- ✦ *Karu taru: o pequeno pajé*, de Daniel Munduruku. Porto Alegre Edelbra.
- ✦ *Xangô, o trovão*, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letrinhas.